



TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA ACERCA DOS FATORES GENÉTICOS E AMBIENTAIS DO DIAGNÓSTICO.

Ana Maria Marsura¹, Lays Ribeiro Rangel¹, Eugenia da Costa Guimarães¹, Rafael Borges Coimbra¹, Vitória Macedo Falcão Ferreira¹, Geovanna Oliveira Silva¹, Tarso Braz Mendonça¹, Tiago Braz Mendonça¹, Paulo Victor Dias dos Reis², Pedro Henrique Lourenço Soares³, Edinho Pereira Pardin⁴, Rafaela Maia Hammerschmidt⁴.

ARTIGO DE REVISÃO

RESUMO

O Transtorno de Personalidade Antissocial é uma condição psiquiátrica complexa caracterizada por padrões persistentes de desrespeito pelos direitos dos outros, comportamentos impulsivos, falta de empatia e remorso, além de tendências para a manipulação e a enganação. A compreensão do Transtorno de Personalidade Antissocial envolve a análise cuidadosa de uma ampla gama de fatores, incluindo fatores genéticos e ambientais, que desempenham um papel fundamental no seu desenvolvimento e diagnóstico. O presente artigo consiste em uma revisão integrativa, no qual tem como objetivos discorrer acerca dos fatores genéticos e ambientais que influenciam no diagnóstico do transtorno de personalidade antissocial, mediante considerações acerca da patologia e da interseção entre eles, no intuito de ampliar os conhecimentos da sociedade, de estudantes e profissionais da área acerca do tema em questão. Trata-se de uma revisão integrativa, na qual foi realizada uma pesquisa dos tipos básica, qualitativa, exploratória e bibliográfica, nas bases de dados. Os fatores genéticos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do Transtorno de Personalidade Antissocial. Estudos científicos têm apontado que a predisposição genética é um dos componentes-chave para a compreensão desse transtorno complexo. Os fatores ambientais exercem um papel de extrema importância no desenvolvimento do Transtorno de Personalidade Antissocial. Eles constituem influências externas que moldam a maneira como os indivíduos com o transtorno interagem com o ambiente que os cerca e influenciam a manifestação de seus comportamentos. Em suma, é possível concluir que a interseção entre fatores genéticos e ambientais é essencial para compreender o Transtorno de Personalidade Antissocial.

Palavras-chave: Interação gene-ambiente, Predisposição genética para doença, Transtorno de Personalidade Antissocial.



ANTISOCIAL PERSONALITY DISORDER: AN INTEGRATIVE REVIEW ON THE GENETIC AND ENVIRONMENTAL FACTORS OF THE DIAGNOSIS.

ABSTRACT

Antisocial Personality Disorder is a complex psychiatric condition characterized by persistent patterns of disregard for the rights of others, impulsive behaviors, lack of empathy and remorse, and tendencies toward manipulation and deception. Understanding Antisocial Personality Disorder involves careful analysis of a wide range of factors, including genetic and environmental factors, which play a key role in its development and diagnosis. This article consists of an integrative review, which aims to discuss the genetic and environmental factors that influence the diagnosis of antisocial personality disorder, through considerations about the pathology and the intersection between them, with the aim of expanding society's knowledge, of students and professionals in the field on the topic in question. This is an integrative review, in which basic, qualitative, exploratory and bibliographical research was carried out in the databases. Genetic factors play a key role in the development of Antisocial Personality Disorder. Scientific studies have shown that genetic predisposition is one of the key components for understanding this complex disorder. Environmental factors play an extremely important role in the development of Antisocial Personality Disorder. They constitute external influences that shape the way individuals with the disorder interact with the environment that surrounds them and influence the manifestation of their behaviors. In short, it is possible to conclude that the intersection between genetic and environmental factors is essential to understanding Antisocial Personality Disorder.

Keywords: Gene-environment interaction, Genetic predisposition to disease, Antisocial Personality Disorder.

Instituição afiliada – 1- Graduando em Medicina: Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. 2. Formado em Medicina pelo Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. 3. Graduando em Medicina: Faculdade Morgana Potrich – Mineiros GO. 4. Graduando em Medicina: Universidade do Contestado UNC – Mafra SC.

Dados da publicação: Artigo recebido em 18 de Agosto e publicado em 28 de Setembro de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n4p2716-2726>

Autor correspondente: Ana Maria Marsura – lnmarsura@hotmail.com



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

O Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) é uma condição psiquiátrica complexa caracterizada por padrões persistentes de desrespeito pelos direitos dos outros, comportamentos impulsivos, falta de empatia e remorso, além de tendências para a manipulação e a enganação. A compreensão do TPAS envolve a análise cuidadosa de uma ampla gama de fatores, incluindo fatores genéticos e ambientais, que desempenham um papel fundamental no seu desenvolvimento e diagnóstico (SILVA, 2016).

Fatores genéticos têm sido objeto de estudo para compreender a predisposição ao TPAS. Pesquisas sugerem que existe um componente genético para essa condição. Estudos de famílias de gêmeos identificaram uma maior probabilidade de desenvolver TPAS em indivíduos com história familiar da doença. Essas investigações apontam para a existência de genes específicos que podem aumentar a suscetibilidade ao transtorno. No entanto, é importante ressaltar que a genética, por si só, não determina o TPAS. Em vez disso, interações complexas entre genes e ambiente desempenham um papel crucial (BINS; TABORDA, 2016).

Os fatores ambientais, também, desempenham um papel significativo no desenvolvimento do TPAS. Ambientes familiares disfuncionais, abuso físico ou emocional na infância e negligência podem contribuir para a manifestação desse transtorno. Além disso, a exposição a modelos de comportamento antissocial, violência ou criminalidade no ambiente circundante, também, pode influenciar o desenvolvimento do TPAS. O impacto de eventos traumáticos na infância e experiências adversas tem sido amplamente estudado em relação ao transtorno (REBESCHINI, 2017).

A interação entre fatores genéticos e ambientais é, particularmente, intrigante quando se trata do TPAS. Modelos de pesquisa sugerem que indivíduos com predisposição genética podem estar mais suscetíveis aos efeitos negativos do ambiente, como abuso na infância. Em outras palavras, a presença de determinados genes pode aumentar a probabilidade de um indivíduo desenvolver o TPAS quando exposto a condições ambientais adversas (DAVOGLIO *et al.*, 2012).

O diagnóstico do TPAS é complexo devido à natureza multifacetada dos fatores



envolvidos. Profissionais de saúde mental utilizam critérios específicos de diagnóstico, como os estabelecidos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), para avaliar pacientes em relação a padrões de comportamento antissocial. No entanto, a avaliação deve levar em consideração tanto os fatores genéticos quanto os ambientais que podem influenciar a manifestação da condição (APA, 2014).

O presente artigo consiste em uma revisão integrativa, no qual tem como objetivo discorrer acerca dos fatores genéticos e ambientais que influenciam no diagnóstico do transtorno de personalidade antissocial, mediante considerações acerca da patologia e da interseção entre eles, no intuito de ampliar os conhecimentos da sociedade, de estudantes e profissionais da área acerca do tema em questão.

METODOLOGIA

O trabalho consiste em uma revisão de literatura do tipo integrativa, na qual é caracterizada como uma modalidade que possibilita uma ampla abordagem metodológica referente às revisões. Neste tipo de revisão, uma diversidade de pesquisas é incluída, como as experimentais e não-experimentais, o que permite uma apreensão do fenômeno analisado, combinando, ainda, dados da literatura teórica e empírica (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para tal, foi realizada uma pesquisa dos tipos básica, qualitativa, exploratória e bibliográfica, nas seguintes bases de dados: Pubmed, MedlinePlus, Biblioteca Eletrônica Científica Online (Scielo – Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico. Para tal, foram utilizados os seguintes descritores cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Interação Gene-Ambiente; Predisposição Genética para Doença; Transtorno de Personalidade Antissocial. Após, foram realizados os devidos cruzamentos, utilizando os operadores booleanos AND e OR.

Como critérios de inclusão foram utilizados: artigos, monografias, dissertações e teses que abordassem o tema em questão, todos publicados nos idiomas português e inglês, e que estivessem disponíveis na íntegra nas bases de dados utilizadas. E, como critérios de exclusão: trabalhos em formato que não fossem os supramencionados, pesquisas publicadas em idiomas que não fossem os supracitados, que não abordassem o tema e que não estivessem disponíveis na íntegra nas bases de dados já mencionadas.

RESULTADOS

Transtorno de Personalidade Antissocial

O TPAS é uma condição psiquiátrica complexa que atrai grande interesse e fascínio na sociedade devido às suas características únicas e, muitas vezes, perturbadoras. Também é conhecido popularmente como psicopatia ou sociopatia. Este transtorno está inserido no grupo dos Transtornos de Personalidade, que envolvem padrões persistentes e inflexíveis de comportamento, cognição e funcionamento interpessoal que se afastam das normas culturais e sociais aceitas (NATRIELLI FILHO *et al.*, 2012).

O TPAS se destaca por apresentar um padrão crônico de desrespeito pelos direitos, desejos e sentimentos dos outros. Indivíduos com esse transtorno, frequentemente, demonstram comportamentos impulsivos, tendência à manipulação, falta de empatia, desprezo por normas sociais e uma alta inclinação para o comportamento criminoso. São pessoas que, muitas vezes, parecem incapazes de aprender com experiências passadas ou punições, o que as torna desafiadoras tanto para si mesmas quanto para a sociedade, em geral (COSTA; VALERIO, 2008).

É importante ressaltar que o diagnóstico do TPAS, geralmente, não é feito na infância, pois muitos dos comportamentos antissociais são considerados normais durante o desenvolvimento infantil. O diagnóstico oficial é tipicamente realizado em adultos, por volta dos 18 anos de idade, embora seja possível identificar indícios precoces em crianças diagnosticadas com Transtorno de Conduta (MARMORATO; ANDRADE, 2011).

A relação entre TPAS e psicopatia é uma questão complexa e controversa. Enquanto alguns teóricos consideram esses termos intercambiáveis, outros destacam diferenças substanciais. A psicopatia é, muitas vezes, vista como tendo um foco maior em perturbações emocionais e relacionais, enquanto o TPAS se concentra mais em perturbações comportamentais. No entanto, há uma sobreposição significativa entre esses conceitos, o que torna a compreensão e o diagnóstico precisos ainda mais desafiadores (NATRIELLI FILHO *et al.*, 2012).

A prevalência do TPAS é mais alta no sexo masculino, e a idade pode influenciar na atenuação dos traços antissociais com o envelhecimento. O diagnóstico do TPAS enfrenta desafios devido à falta de instrumentos validados e às complexidades inerentes à sua natureza. A abordagem terapêutica, geralmente, envolve uma combinação de terapia cognitivo-comportamental, intervenções farmacológicas e, em alguns casos, a gestão de comportamentos criminosos (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

Fatores genéticos

Os fatores genéticos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do TPAS. Estudos científicos têm apontado que a predisposição genética é um dos componentes-chave para a compreensão desse transtorno complexo.

As evidências genéticas são fornecidas, principalmente, por meio de estudos de gêmeos, que comparam gêmeos idênticos (monozigóticos), que compartilham 100% de seus genes, com gêmeos não idênticos (dizigóticos), que compartilham cerca de 50% de seus genes. Quando gêmeos monozigóticos apresentam uma maior concordância para o TPAS em comparação com gêmeos dizigóticos, isso sugere fortemente uma influência genética (LIMA; VALLADA FILHO, 2011).

Embora não tenha sido identificado um único gene específico responsável pelo TPAS, acredita-se que múltiplos genes interajam para aumentar a vulnerabilidade genética ao transtorno. Esses genes podem estar relacionados a funções cerebrais, como controle de impulsos, regulação emocional e processamento de informações sociais. No entanto, a pesquisa genética, ainda, está em andamento para identificar os marcadores genéticos específicos associados ao TPAS (COSTA; VALERIO, 2008).

É importante ressaltar que, mesmo com uma predisposição genética, o desenvolvimento do TPAS também é influenciado por fatores ambientais. Trauma na infância, abuso, negligência, exposição a comportamentos antissociais em modelos parentais e outros eventos traumáticos podem interagir com a predisposição genética para aumentar o risco de desenvolver o transtorno (MARMORATO; ANDRADE, 2011).

Diante disso, os fatores genéticos desempenham um papel crucial no TPAS, mas o desenvolvimento deste transtorno é resultado de uma interação complexa entre



predisposição genética e experiências ambientais. O entendimento desses fatores genéticos é importante para a pesquisa e o desenvolvimento de estratégias de prevenção e tratamento mais eficazes.

Fatores ambientais

Os fatores ambientais exercem um papel de extrema importância no desenvolvimento do TPAS. Eles constituem influências externas que moldam a maneira como os indivíduos com o transtorno interagem com o ambiente que os cerca e influenciam a manifestação de seus comportamentos.

Um dos fatores ambientais mais significativos é a história de trauma na infância. Crianças que enfrentam abuso físico e/ou sexual, negligência ou instabilidade familiar durante a infância têm uma probabilidade maior de desenvolver TPAS. Essas experiências traumáticas podem contribuir para a falta de empatia e para a adoção de comportamentos antissociais como uma forma de enfrentar essas dificuldades (MONTEIRO, 2016).

Além disso, a modelagem comportamental desempenha um papel relevante no desenvolvimento do TPAS. Crianças que são expostas a comportamentos antissociais por figuras parentais ou autoridades podem internalizar esses padrões e reproduzi-los mais tarde em suas vidas (BOTERO *et al.*, 2015).

O contexto dos grupos de pares, também, é um fator importante. A associação com grupos de pares que exibem comportamentos antissociais pode influenciar, significativamente, o comportamento dos indivíduos. A pressão dos pares e o desejo de aceitação social podem levá-los a se envolver em atividades criminosas ou prejudiciais (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

Experiências de institucionalização, como prisões ou centros de detenção juvenil, podem expor os indivíduos a ambientes nos quais comportamentos antissociais são reforçados, potencialmente agravando os traços do TPAS.

O contexto socioeconômico e as características da comunidade também desempenham um papel. Comunidades com acesso limitado a recursos educacionais, de saúde e econômicos podem criar ambientes que propiciam o desenvolvimento de



comportamentos antissociais. Fatores socioeconômicos, como a pobreza e a desigualdade, também estão associados a taxas mais elevadas de TPAS (BINS; TABORDA, 2016).

Experiências de abandono, rejeição ou isolamento social durante a infância e adolescência podem contribuir para a formação dos traços do TPAS. Indivíduos que se sentem excluídos socialmente podem recorrer a comportamentos antissociais como uma maneira de lidar com o sofrimento emocional. Ademais, a exposição frequente a conteúdo violento e antissocial na mídia, como filmes e jogos de vídeo, também pode influenciar o desenvolvimento do TPAS, especialmente, em indivíduos suscetíveis a essas influências (REBESCHINI, 2017).

É importante ressaltar que os fatores ambientais não atuam de forma isolada. Eles interagem de maneira complexa com fatores genéticos, tornando a compreensão dessas interações essencial para a abordagem, prevenção e tratamento do TPAS. Intervenções precoces que visam a minimização de fatores de risco ambientais e o apoio a crianças em situações vulneráveis podem ser eficazes na redução da incidência e gravidade do TPAS (MONTEIRO, 2016).

Interseção entre fatores genéticos e ambientais

A interseção entre fatores genéticos e ambientais é fundamental para entender o desenvolvimento do TPAS e sua complexa etiologia. Fatores genéticos desempenham um papel na predisposição do mesmo. Estudos de famílias e gêmeos sugerem que a hereditariedade desempenha um papel significativo na vulnerabilidade a esse transtorno. Variantes genéticas específicas podem contribuir para a impulsividade, falta de empatia e comportamentos antissociais observados no TPAS (LIMA; VALLADA FILHO, 2011).

No entanto, a genética sozinha não explica completamente o TPAS. A interação entre fatores genéticos e ambientais é crucial. Por exemplo, crianças com predisposição genética podem ser mais suscetíveis aos efeitos negativos de ambientes disfuncionais, como famílias com abuso ou negligência. Traumas na infância, especialmente, quando combinados com predisposição genética, aumentam o risco de desenvolver TPAS



(DAVOGLIO *et al.*, 2012).

Assim, a interseção entre fatores genéticos e ambientais é complexa. Os genes podem criar uma predisposição, mas o ambiente e as experiências de vida desempenham um papel crucial na ativação ou supressão desses genes. Ambientes enriquecedores e apoio social podem mitigar os riscos associados à predisposição genética, enquanto ambientes adversos podem agravar o quadro (BOTERO *et al.*, 2015).

Compreender essa interseção é essencial para desenvolver estratégias preventivas e terapêuticas eficazes para o TPAS. A pesquisa contínua nessa área é fundamental para identificar alvos terapêuticos e intervenções que considerem a complexidade dessas influências interligadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, é possível concluir que a interseção entre fatores genéticos e ambientais é essencial para compreender o Transtorno de Personalidade Antissocial. Os fatores genéticos criam uma predisposição, enquanto o ambiente desempenha um papel crucial na ativação dessa predisposição e na manifestação do transtorno. Esta complexa interconexão destaca a necessidade de abordagens integradas na pesquisa e no tratamento do transtorno, com o objetivo de identificar marcadores específicos e desenvolver estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes e personalizadas. Um avanço nesse entendimento pode resultar em melhorias, significativas, na qualidade de vida das pessoas afetadas pelo mesmo e na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. **American Psychiatric Association**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BINS, H. D. C. B.; TABORDA, J. G. V. Psicopatia: influências ambientais, interações biossociais e questões éticas. **Debates em Psiquiatria**. 2016.

BOTERO, J. C. R. *et al.* Cognição Social em Pessoas com Transtorno Antissocial Da Personalidade: Uma Revisão Teórica. **Revista Lasallista de Investigación**. 2015.

COSTA, J. B. P.; VALERIO, N. I. Transtorno de personalidade anti-social e



transtornos por uso de substâncias: caracterização, comorbidades e desafios ao tratamento. **Temas psicol. [online]**. 2008.

DAVOGLIO, T. R. *et al.* Personalidade e psicopatia: implicações diagnósticas na infância e adolescência. **Estudos de Psicologia (Natal) [online]**. 2012.

LIMA, I. V. M.; VALLADA FILHO, H. P. Aspectos Genéticos. *In*: Louzã Neto, M. R.; Cordás, T. A. (Org.). **Transtornos da personalidade**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MARMORATO, P. G.; ANDRADE, E. R. Transtornos da Conduta na Infância e Transtorno da Personalidade Antissocial. *In*: Louzã Neto, M. R.; Cordás, T. A. (Org.). **Transtornos da personalidade**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MONTEIRO, M. P. G. Fatores que contribuem para a formação de uma personalidade psicopática em crianças e adolescentes: uma análise neurológica e social. **Rev. de Psicol. da criança e do adolescente**. 2016.

MORANA, H. C. P.; STONE, M. H.; ABDALLA-FILHO, E. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. **Brazilian Journal of Psychiatry [online]**. 2006.

NATRIELLI FILHO, D. G. *et al.* Fatores de risco envolvidos no desenvolvimento da psicopatia: uma atualização. **Diagn. Tratamento**. 2012.

REBESCHINI, C. Trauma na infância e transtornos da personalidade na vida adulta: relações e diagnósticos. **Saúde e Desenvolvimento Humano**. 2017.

SILVA, J. P. F. A Psicopatia a partir da Psicanálise: desmistificando a visão da mídia. **Mneme - Revista de Humanidades**. 2016.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão Integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. 2010.